

## Pt. 3 - O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 09/02/2017

ROB: Arroz; não perecível.

ROB: Molho de soja; não perecível.

ROB: Sal; não perecível.

ROB: Ovos; bem, eles são perecíveis, mas eu os comprei frescos e fervei, então vão durar uma semana.

É hora do café da manhã, o início do nosso primeiro dia inteiro na estrada. Rob está acordado desde às 7 horas, preparando uma refeição para quem quiser. O aroma nos tira de nossas camas improvisadas e nos acomoda em torno de seu fogão portátil. Nossas tigelas já estão cheias antes de percebermos que há um problema. A compensação por essa comida supostamente grátis? Uma palestra de 10 minutos do Rob sobre o poder do arroz.

ROB: Veja, no Pacífico, nossos rapazes costumavam ter medo dos japoneses. Exércitos inteiros marchando apenas com grãos? Achavam que eles eram super soldados. Veja, os japoneses sabem o segredo. Você dá arroz às pessoas pela manhã e elas ficam ligadas o dia inteiro.

Depois de colocar duas colheres grandes de seu alimento favorito em uma tigela e entregá-la para mim, Rob quebra um ovo cru por cima. A gema fica turva quando eu mexo. Para ser justa, a comida é deliciosa e é divertido assistir a palestra de Rob. Pelo menos há algumas coisas sobre as quais ele está disposto a falar longamente.

Olho para Lilith e Eva do outro lado do círculo. Esta última derramou arroz em sua blusa e sua amiga está brincando com ela. Eva me vê olhando, encontra meu olhar e se volta para Lilith, seu tom dramaticamente abafado. Volto à minha comida fazendo questão de parecer atenta ao discurso de Rob. Um minuto depois, as duas garotas decidem que terminaram a refeição e eu rapidamente percebo que eu também.

Devorando as últimas mordidas, coloco minha tigela na pequena pia de água quente ao lado do fogão e caminho casualmente até o carro. Lilith e Eva estão de costas para mim, guardando silenciosamente seus sacos de dormir. Eles se recusam a olhar para mim quando eu alcanço, numa tentativa profundamente visível de sutileza.

LILITH: Ele está olhando?

Olho para Rob. Ele ainda está conversando com Bonnie, Clyde e Apollo, pedindo-lhes que adivinhem o que significa "Café da Manhã" em japonês.

AS: Acho que estamos bem. Então... Você viu o carro?

Sem responder, Eva vai até o banco de trás e pega um Macbook, o repositório de todas as filmagens do Paranormicon. Ela aperta o play enquanto Lilith e eu nos aproximamos dela, bloqueando a visão de qualquer espectador em potencial.

A filmagem mostra uma estrada familiar. Lilith e Eva devem ter acabado de largar o Caroneiro e fazer a próxima curva. Posso ouvi-las falando sobre a experiência, ao mesmo tempo aterrorizadas e emocionadas com os acontecimentos do dia. Eva lembra a Lilith que elas precisam cuidar do carro, Lilith xinga e a câmera imediatamente começa a vasculhar a estrada.

EVA (GRAVAÇÃO): Olha, aí está!

LILITH (GRAVAÇÃO): Estou vendo. Vá devagar... Vá devagar!

O carro abandonado aparece. Com Eva desacelerando e Lilith maximizando a função de zoom de sua câmera, alguns detalhes preciosos podem ser resumidos. O parabrisas e o vidro do motorista estão quebrados, as chaves ainda estão na ignição e, assim que Eva ultrapassa os destroços, é possível ver uma mancha escura encharcada no banco do motorista.

LILITH (GRAVAÇÃO): Pare o carro.

Assim que o carro começa a parar, a verdadeira Lilith desliga o laptop. Olho para elas, tentando manter minha voz o mais baixa possível.

AS: Você parou o carro?

EVA: Err, sim...

LILITH: Sabemos que você nos disse para não fazer isso, mas foi tipo, muito estranho, então eu fui até lá e-

AS: Você saiu do carro?!

EVA: Só para constar, eu fui totalmente contra.

LILITH: De qualquer forma, não havia muita coisa lá que não tivéssemos visto da estrada, exceto que havia uma bolsa no banco de trás.

AS: Você deu uma olhada lá dentro?

LILITH: Sim... Você quer ver?

Lilith acena com a cabeça em direção à traseira do carro. Demoro um segundo para perceber o que ela quer dizer.

AS: Está na mala?!

EVE: Está no quê?

AS: Está no porta-malas?!

LILITH: Sim, obviamente, não poderíamos simplesmente deixar lá, mas você **PRECISA** dar uma olhada nesta bolsa antes de pegarmos a estrada.

Eu verifico Rob mais uma vez. Ele está lavando as tigelas e os talheres, trocando conversa fiada com Bonnie, alheio ao que está acontecendo a apenas cinco metros de distância.

Lilith e Eva me acompanham até o porta-malas, retomando nossa reunião secreta antes que Eva o abra. Uma mochila de couro marrom está lá dentro. Parece cara, mas desgastada, provavelmente com algumas décadas. As duas fazem um sinal para eu abri-la.

LILITH: Só para começar, quero dizer... Toda essa viagem foi muito estranha.

A bolsa não está exatamente cheia. Vasculho o conteúdo solto e encontro alguns conjuntos de camisas masculinas de boa qualidade e um par de jeans. Mais abaixo encontro um kit de barbear pequeno e bastante usado. Estou começando a me perguntar por que Lilith e Eva estão tão agitadas quando minha mão atinge a borda dura de um objeto reto e retangular. Lentamente, e com muito cuidado, consigo retirá-lo das camadas de lã e jeans.

É um pacote, um bloco quadrado pesado do comprimento do meu antebraço, cuidadosamente embrulhado em papel pardo. Parece completamente desprezível, exceto por um fio preto pendurado na parte inferior, que leva de volta para dentro da própria bolsa. Levantando o fio, um plug preto surge e balança levemente no ar.

EVA: Vire-se.

Com as duas garotas me observando atentamente, viro o pacote em minhas mãos. O fio se conecta à porta de carregamento de um antigo Nokia 3210 que, por sua vez, está colado à embalagem junto com alguns fragmentos de placa de circuito exposta. Por último, mas não menos importante, estão as palavras estampadas no papel pardo, em imponente fonte preta; Explosivo C4.

Minha boca parece seca.

AS: Eu não esperava por isso.

LILITH: Eu sei, foda-se essa estrada, certo? Havia toneladas de explosivo no porta-malas, era uma loucura.

AS: Isso é perigoso?

EVA: Agora não. É basicamente inerte, a menos que você tenha o detonador.

AS: Você tem certeza?

LILITH: Temos a Wikipédia baixada em um disco rígido do laptop. É a única razão pela qual Eva me deixou trazê-lo aqui. Ela leu o artigo umas três vezes. De qualquer forma, o Nokia está sem bateria.

AS: Ok, bem, nem vou perguntar como você sabe disso... Não entendo porque alguém traria explosivo para o Jogo da Esquerda/Direita? Quero dizer, para onde diabos estamos indo?

EVA: Não faço ideia. Você sabe se Rob tem?

ROB: Se eu tenho o quê?

Quando olho para cima, Rob está a poucos passos de nós. Escondo o C4 nas costas, deixando-o na bolsa ao lado do caderno. Eu simplesmente consigo tirar meus dedos do caminho enquanto Eve instintivamente fecha o porta-malas.

AS: Dicas para dormir no carro. Esses caras tiveram uma noite difícil.

ROB: Bem, sinto muito em ouvir isso. Apenas algo com o qual você precisa se acostumar, eu acho. Estaremos pegando a estrada em 15/20 minutos. Tudo bem para vocês?

EVA: Sim, totalmente.

ROB: Bristol, você se importa em me ajudar a fazer as malas?

AS: De jeito nenhum.

Dolorosamente consciente do que está pendurado ao meu lado, afasto-me com Rob em direção ao fogão agora desmontado. Olhando por cima do ombro, vejo que Lilith e Eva estão nos observando partir, com os rostos cheios de apreensão.

Não posso dizer que sinto o mesmo. Apesar do que me rodeia e da multiplicidade de acontecimentos perturbadores, não tenho espaço na minha cabeça para apreensão neste momento. Toda a ansiedade está lentamente desaparecendo, sendo o seu território anexado por um sentimento reforçado de determinação. Há muitas coisas estranhas acontecendo nesta estrada e, mesmo que isso me mate, vou descobrir o que todas elas significam.

ACE: Rob, posso falar com você?

Colocamos tudo na traseira do Wrangler e estamos prestes a voltar para a estrada quando Ace aparece atrás de nós. Rob se vira e sinto um escudo de gelo se erguendo enquanto ele se dirige brevemente ao nosso compatriota.

ROB: O que é isso, Ace?

ACE: Posso... Posso te perguntar uma coisa? Está tudo bem se você precisar que eu vá para casa depois...

O escudo descongela. Este não é o Ace que vimos antes e Rob é perspicaz o suficiente para perceber. Ele se envolve, embora com cautela.

ROB: O que você quer perguntar?

Ace se mexe desconfortavelmente. De repente, ele parece muito mais jovem.

ACE: O caroneiro... Acontece alguma coisa se você... Se você não pegar ele?

ROB: Oh, caramba, Ace, eu te disse, você não pode... Me conte o que aconteceu.

ACE: Eu... Eu estava descendo a estrada e fiquei com raiva de como você estava... E quando vi o caroneiro, pensei que deveria, você sabe, fazer o que eu disse e... Simplesmente passar direto com o carro.

Ace começa a tremer, incapaz de encarar Rob.

ACE: Um minuto depois eu olho pelo espelho retrovisor e... E ele está sentado na parte de trás do meu carro. Ele está apenas... Apenas falando sobre o tempo. Quer dizer, juro que não o peguei, mas quando penso nisso, todas essas memórias voltam. Começo a me lembrar de parar e deixá-lo entrar. É como se eu tivesse feito isso, mas não...

ROB: Você falou com ele?

ACE: Não, não. Não, eu juro que não disse uma palavra.

Rob encara Ace em silêncio. Ace abaixa a cabeça, como um criminoso penitente enfrentando julgamento.

ROB: ...É horrível, não é?

Ace finalmente olha para cima, confuso com as palavras de Rob, procurando pistas na expressão do homem.

ROB: Eu fiz o mesmo que você da primeira vez. Acabei passando direto. Não ia deixar nenhum estranho entrar no meu carro. Quase pulei do carro quando o vi pelo retrovisor.

Rob sorri para Ace, que consegue retribuir o sorriso trêmulo.

ROB: Você não tem o equipamento certo para essa viagem. Se você quiser virar esse seu Porsche, ninguém vai pensar mal de você, mas se você quiser continuar nessa estrada... Que tal tentar ouvir mais e eu tentarei ser menos durão.

Rob estende a mão para Ace apertar. É uma oferta de paz, ou pelo menos uma oferta de cessar fogo. Ace aceita, fazendo apenas uma leve careta ao encarar o aperto de ferro de Rob.

ROB: Já era hora de pegarmos a estrada.

Cinco minutos depois, estamos entrando em um vale profundo, com cada membro do comboio aparecendo no topo da colina atrás de nós. Todos estão presentes e contabilizados, incluindo Ace.

AS: Devo dizer que estou impressionada.

Rob: Com o quê?

AS: Com a forma como você lidou com Ace. Pode-se presumir que um cara que se divorciou quatro vezes não é o melhor na resolução de conflitos.

ROB: Divórcio é resolução de conflitos.

AS: Esse é um bom ponto. Ele parecia estar dizendo que o Caroneiro o fez parar. É realmente isso que acontece?

ROB: Sim, ele sempre acaba no banco de trás, e você sempre se lembra de pegá-lo.

AS: É só que... Isso não é cientificamente possível.

ROB: Acostume-se com isso.

Passamos as próximas duas horas em silêncio, comigo digitando minhas anotações e Rob navegando nas poucas curvas que aparecem de vez em quando.

O testemunho de Ace me incomoda, talvez porque expanda minha teoria favorita; que o jogo é uma fraude elaborada perpetrada por Rob Guthard. Fiquei satisfeito porque o caroneiro poderia

ter sido um artista incrivelmente hábil, mas mesmo que o homem fosse um ator treinado, isso não o torna capaz de controlar a mente. Ace poderia ser louco, ou talvez ele próprio um ator, mas essas ideias soam exatamente como as racionalizações que censurei em Rob anteriormente.

Não tenho certeza de qual é minha teoria no momento. Continuo trabalhando, na esperança de digitar meu caminho para a revelação.

Algumas árvores solitárias começaram a aparecer ao longe, imponentes pinheiros selvagens com troncos grossos como barris. Sem que eu perceba, as árvores tornam-se lentamente mais numerosas e, daquela forma rasteira com que as paisagens mudam, não demora muito até que elas atravessem os dois lados da estrada, encapsulando-nos numa floresta profunda e brilhante. Percebendo que gravei tudo de importante e com Rob concentrado na direção, não tenho escolha a não ser recostar-me no banco e observar o mundo passar. Apesar da estranheza generalizada do Jogo da Esquerda/Direita, há beleza no caminho. Sob a sombra e com o cheiro de pinheiro permeando o ar parado, eu realmente sinto que estou começando a relaxar.

São necessárias apenas três palavras para mudar isso.

As palavras não vêm de Rob, ele está quieto como sempre. Elas também não são faladas pelo resto do comboio. As palavras estão escritas em letras grandes com tinta caligráfica dourada, apoiadas em uma placa branca imaculada. Mesmo à distância, com as letras pouco mais que borradas, sei o que vão dizer. São as palavras que tenho temido desde que desliguei o rádio, as palavras que passei uma noite longa e conturbada esperando nunca ver.

“Bem-vindo a Jubilation.”

Acontece que há espaço na minha cabeça para apreensão.

ROB: Este é o Ferryman para todos os carros. Estaremos passando por uma pequena cidade. Não há regras aqui, apenas continuem dirigindo e ficaremos bem.

Rob coloca o rádio de volta no receptor, tento ignorar o nó distinto no meu estômago.

AS: O que o nome Chuck Greenwald significa para você?

ROB: Quase tanto quanto John Doe, por quê?

AS: Ele é o DJ da rádio aqui.

ROB: Em Jubilation? Como você sabe?

AS: Eu estava ouvindo o show dele ontem à noite. O que você sabe sobre esse lugar?

ROB: Parece uma boa cidade. As pessoas não prestam atenção em você, eu simplesmente passo direto.

AS: Você nunca viu nada, digamos, desagradável?

ROB: Algumas coisas estranhas de vez em quando. Gosto de manter os olhos na estrada.

A floresta se abre abruptamente para revelar uma imagem perfeita de uma cidade americana arquetípica, quase ao ponto de paródia.

Chegamos em Jubilation.

Não há como negar que esta cidade é linda. Somos recebidos por uma fileira de lojas de cores vibrantes que se estendem por uma rua longa e larga. No outro extremo, uma prefeitura ornamentada com paredes cinzentas examina orgulhosamente seu domínio. O lugar é imaculado. Não consigo encontrar um único pedaço de lixo na calçada, uma única mancha nas vitrines das lojas. Cada centímetro de Jubilation é imaculado, tranquilo... E visivelmente deserto.

AS: Onde estão todos?

ROB: Não sei, geralmente há alguns por aí. Talvez haja um jogo acontecendo.

Viramos na próxima curva à direita e depois outra à esquerda. A história é a mesma em cada esquina, uma cidade suburbana bonita e arborizada, totalmente desprovida de sua população humana. Os cafés estão livres de agitação, a superfície da piscina pública está parada. Vemos até uma escola com uma fileira de rostos pintados a dedo sorrindo para nós das janelas do jardim de infância enquanto passamos. O prédio em si está trancado, o que é estranho, visto que é meio-dia de quarta-feira.

Eventualmente, o Wrangler pára na primeira rua residencial que encontramos. A placa na esquina diz Sycamore Row. As lojas pitorescas são substituídas por casas luxuosas, todas idênticas; paredes brancas, varandas largas e gramados verdes frescos cortados em comprimento uniforme. A estrada se estende em linha reta por cerca de um quilômetro e meio, criando um corredor misterioso de edifícios copiados/colados. A coisa mais estranha da rua, porém, é vocalizada por Rob:

ROB: Bem, acho que sabemos onde todos estão agora.

Na frente de cada casa, há uma mesa de jantar no gramado ocupada por uma família de quatro pessoas. Um marido, uma esposa, um filho e uma filha. Eles estão compartilhando uma refeição juntos. Uma unidade à esquerda brinda seus copos de suco de laranja enquanto jantam costeletas de porco e salada. A família à direita compartilha um grande pedaço de bolo



de carne, com largos sorrisos no rosto. Olhando ao longo da estrada, estimo que haja mais de oitocentas pessoas, em subconjuntos organizados de quatro, todas jantando ao mesmo tempo.

Nenhuma dessas pessoas parece nos notar.

ROB: Ferryman para todos os carros. Parece que viemos durante uma celebração na cidade. Não vamos incomodar essas boas pessoas enquanto passamos.

Rob deixa o carro passar lentamente pela rua, com o pé de leve no acelerador, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Quanto mais famílias passamos, mais claro fica que cada uma delas compartilha características em comum. Todas estão impecavelmente vestidas. Todas consistem no mesmo subconjunto: marido, esposa, filho, filha. Embora as refeições escolhidas variem ligeiramente, todas compartilham uma felicidade estridente, quase opressiva.

APOLLO: Cidade pequena da América, estou certo, pessoal? Hahaha.

As piadas de Apollo não melhoram as coisas. Eu me sinto claustrofóbica. Encurralada. Algum animal gritando dentro de mim sabe que está cercado, por todos os lados, por algo que não entende. Não sei se estou imaginando, mas à medida que continuamos na estrada, todos lá fora parecem estar rindo um pouco mais e comemorando um pouco mais.

Conseguimos passar por mais da metade da rua, com uma curva acentuada à esquerda no final, representando a estrada que sai de Jubilation. Outra rua surge à direita, Acer Road. Enquanto passamos por ela, aproveito para olhar esta nova avenida, curiosa para saber se todas as ruas são iguais às nossas.

Eu não gosto do que vejo.

As casas são igualmente imaculadas, as paredes brancas, mas como um mosaico de diferenças, são as mudanças sutis que compõem a imagem. Não há mesas nem famílias nos amplos gramados verdes. Quase todas as janelas que vejo estão quebradas. Carros estão abandonados na estrada, com um deles esmagado em uma varanda lascada. Acima de cada porta, um X foi desenhado com tinta vermelha e, fora de cada casa, um pequeno monte de roupas está no gramado recém-cortado. Uma enorme pilha coletiva de sapatos masculinos, femininos e infantis ergue-se no final da rua... Aparentemente sem donos.

ROB: Ótimo trabalho, pessoal. Vamos continuar nosso caminho.

Chegamos ao fim da rua, suspiro de alívio ao nos despedirmos de Jubilation. Vejo isso vingativamente no meu retrovisor quando viramos a esquina. Eu imediatamente desejei não ter feito isso quando, na fração de segundo antes de desaparecer de vista, vislumbrei os mais de 800 moradores de Sycamore Row.

Eles não estão mais sorrindo e estão todos olhando em nossa direção.

Dou boas-vindas à floresta enquanto as árvores se erguem ao nosso redor mais uma vez. A indiferença da natureza é uma mudança bem-vinda para a falsa civilidade de Jubilation.

APOLLO: Cidades como essa me deixam feliz por ser um garoto da cidade.

BONNIE: Achei legal, não era como Wintery Bay?

CLYDE: Acho que não estive lá.

BONNIE: Ah... Talvez tenha sido Shelburne Falls.

CLYDE: Ah, era um pouco como Shelburne Falls.

ROB: Pessoal, precisamos manter esse canal limpo.

Corremos pela próxima estrada e viramos à direita. Quanto mais nos afastamos da misteriosa cidade de Jubilation, mais elevado parece ser o nosso ânimo.

AS: Quanto tempo até pararmos?

ROB: Mais quatro horas. Nada grandioso no nosso caminho. Não deve ser um problema.

AS: É bom ouvir isso. Então... o que significa “Café da Manhã” em japonês?

ROB: Você ouviu?

AS: Sim, fiquei curiosa o dia todo. Isso tem algo a ver com-

Eu salto para frente, sentindo uma dor aguda no pescoço enquanto minha cabeça recua contra o assento. Rob pisou no freio, fazendo-nos parar de forma imediata e chocante. Antes que eu possa perguntar por quê, minha pergunta é respondida quando um dos colossais pinheiros bate na estrada à nossa frente, bloqueando nossa rota.

ROB: Caramba! Você está bem?

AS: Estou bem.

Massageando meu pescoço, olho para a base da árvore caída. A extremidade inferior é coberta por marcas retas e nítidas. Alguém derrubou esta árvore, cronometrando sua queda na tentativa de paralisar o Wrangler.

AS: Rob, o que está acontecendo?

ROB: Ferryman para todos os carros. Vamos dar meia-volta. Cuidado com as pessoas atrás de você.

O comboio se afasta, de volta à estrada em direção a Jubilation. Rob espera que Apollo comece a se mover e então recua. Há um segundo solavanco quando Rob para abruptamente o carro, examinando nossos meios de saída.

ROB: Ferryman para todos os carros. A estrada está interditada, mas há uma lacuna no final. Tomem cuidado.

Rob está certo. Embora a árvore tenha caído no asfalto, apenas a fina copa da árvore fica sobre a margem gramada entre a estrada e a floresta. Há um pequeno vale entre a beira da estrada e a grama, e Rob não perde tempo em mostrar aos outros como transpor isso.

Girando o volante, Rob dirige a seco em direção à abertura e segue cautelosamente em direção à beira da estrada. Observo o asfalto desaparecer abaixo de nós momentos antes do solavanco. O Wrangler desce pela pequena margem e contorna a árvore caída. Observo a ponta roçar na minha janela enquanto passamos. Com um segundo solavanco, Rob nos traz de volta à estrada e nos puxa para o outro lado, virando o jipe para ficar de frente para o comboio.

ROB: Ok, Apollo, siga seu caminho.

APOLLO: É isso, Rob.

Enquanto Apollo se desvia para a abertura, ouço algo. O som de um motor em funcionamento, a princípio tão baixo que é quase impossível isolá-lo dos ruídos do próprio comboio. Desde então, ficou mais alto e cada vez mais perceptível.

AS: Rob, alguém está vindo.

ROB: Apollo, venha aqui agora mesmo. Todos os carros, atenção em dobro. Mexam-se!

Apollo acelera em direção à passagem estreita entre a árvore e a margem. Seu Range Rover estremece, inclinando-se no declive gramado, mas quase não faz nenhum esforço para contornar a árvore e voltar à estrada.

O barulho ao longe fica mais alto. Posso imaginar o veículo se aproximando da esquina, a apenas uma volta de encontrar o comboio. Embora eu não tenha ideia do que possa ser, não quero dividir o espaço da estrada com nada que venha de Jubilation.

O resto do comboio pode ouvir o barulho agora. Bonnie e Clyde passam pela abertura e rapidamente, mas hesitantemente, afastam-se para o lado. É claramente mais difícil do que Rob e Apollo fazem parecer. Depois de alguns momentos, eles atravessam a margem e chegam ao outro lado.

O veículo desconhecido vira a esquina.

Um caminhão branco aparece derrapando, com os pneus rangendo na estrada. Uma viga de metal se destaca atrás do compartimento do motorista e um gancho balança com o impulso da curva brusca para a direita. É um caminhão de reboque, mas algo me diz que não está aqui para nos ajudar.

ROB: Todos os carros, quando você estiver do outro lado, dirija. Espere na curva à esquerda. Vou enviar um rádio se eles passarem por mim.

APOLLO: E vocês?

ROB: Irei assim que todos passarem. Agora não é hora para perguntas. Eva e Lilith venham aqui agora.

Ainda temos tempo para fazer com que todos atravessem, mas cada segundo que passa parece uma perda preciosa e passageira. Eva e Lilith estão impacientes pela sua vez. Caindo na beira da estrada e voltando em questão de segundos.

O caminhão está ganhando uma velocidade incrível. Quase consigo distinguir as palavras "Jubilation Recovery" rabiscadas no capô. Embora as letras estejam rapidamente se tornando mais fáceis de ler.

Bluejay demora para retomar a estrada. Na verdade, ela é quase casual na forma como manobra, diminuindo os segundos restantes que temos. Uma onda de raiva cresce dentro de mim quando as rodas dela pegam a estrada novamente. Se ela estiver calma com essa situação, então é bom para ela, mas posso ver Ace tamborilando os dedos freneticamente no volante, agora preso sozinho do outro lado.

Observo Bluejay seguir o resto do comboio até a próxima curva sem demonstrar a mesma urgência que qualquer outra pessoa demonstrou.

ROB: Vá com calma, Ace. Você não foi feito para isso.

Ace manobra o carro, atendendo ao pedido de cautela de Rob, mas imprudentemente quase o acerta de frente. Sua roda dianteira bate na beirada da margem e o chassi atinge o asfalto. A queda é um pouco acentuada para o Porsche. Os avisos de Rob soam em meus ouvidos enquanto Ace acelera sobre três rodas, seu carro fazendo uma curva lenta com pouco movimento para frente.

ACE: Rob, o que eu faço?! ROB?!

A caminhonete mantém sua velocidade e se alinha com o Porsche de Ace, sua velocidade estrondosa desafiando toda lógica, toda preocupação com a segurança de Ace ou com sua própria segurança.

ROB: Saia do carro, Ace! Saia desse maldito carro!!

Ace luta com o cinto de segurança, o estresse dominando suas funções motoras. Ele o solta e joga o cinto para o lado. Ele agarra a porta e a empurra, abrindo ligeiramente e batendo na casca do pinheiro. Por um momento que dura muito tempo, ele compartilha comigo um olhar de suplicante terror.

A porta é fechada, amassando quando o caminhão de reboque colide com o lado do passageiro do carro de Ace. Ace é lançado contra a porta, com a cabeça batendo na janela. O barulho ímpio do metal estridente de repente dá lugar ao silêncio.

ROB: Merda.

Rob sobe na parte de trás do carro.

AS: Rob, o que posso fazer?

ROB: Fique aqui.

Ouçõ Rob remexendo na bagagem enquanto o caminhão de reboque dá ré para acertar novamente o Porsche de Ace. O capô do caminhão de reboque ficou completa e impossivelmente ileso com o impacto, assim como seus dois ocupantes.

Eles estacionam o caminhão na nossa frente, o gancho pendurado a poucos metros da traseira do Porsche. As palavras Jubilation Recovery aparecem novamente, agora acompanhadas do slogan "Aqui para ajudar". Dois homens de camisa branca e macacão azul descem e caminham até o Porsche em ruínas. Eles mal parecem registrar a situação, conversando casualmente enquanto abrem a porta do passageiro do carro de Ace.

O atordoado Ace parece estar lutando contra uma concussão, mal consciente quando é puxado para fora do carro. Ele rapidamente fica mais consciente conforme os mecânicos o agarram, lutando contra eles enquanto seus captores conversam entre si.

ROB: Deixe-o ir!

Quando me viro, Rob está saindo do Wrangler. Aparentemente, escondido entre aquelas pilhas de bagagens, havia um rifle de caça carregado. Rob levanta a coronha até o ombro e repete.

ROB: DEIXE-O IR!!

Os mecânicos não prestam atenção em Rob. Eles continuam a marchar com Ace até o caminhão. Um deles fazendo uma piada discreta com o outro enquanto caminham. Eles riem.

Um estrondo terrível irrompe ao meu lado, e um buraco vermelho profundo irrompe do torso de um dos mecânicos, com sangue escorrendo lentamente do ferimento. Inexplicavelmente, o mecânico não faz nada além de olhar para o ferimento, para Rob e depois voltar ao assunto em questão. Ele quase não diminui o passo enquanto continua em direção ao caminhão, sangrando muito no chão.

Ouvi Rob começar a recarregar o rifle.

Os mecânicos chegam na traseira do caminhão com Ace. Há dois laços curtos de corrente fina pendurados na parte inferior dos elos do gancho e os homens passam os braços de Ace por uma volta cada, até que ele fique pendurado pelas axilas na frente do próprio gancho.

Rob dispara outro tiro que não leva a lugar nenhum.

Os mecânicos agarram um punhado de cabelo de Ace, conversando enquanto fazem isso, e levantam a cabeça de Ace até que sua mandíbula fique logo acima do gancho.

Naquele momento, apesar de tudo, apesar de todos os meus ideais jornalísticos, da minha busca pela verdade, do meu dever de observador... Fecho os olhos.

O visual desaparece na escuridão, mas o som não. O impacto e o gemido triste e obstruído que se segue penetram em meus ossos, reverberando por todo o meu ser. Outro tiro e o som agudo de um ricochete metálico. Os gritos de Ace continuam enquanto o motor dá partida e o leva de volta para Jubilation. Ouço outro tiro, que parece atingir apenas o ar.

À medida que o motor e os gemidos de Ace ficam mais silenciosos, alguns momentos se passam antes que um tiro final e medido ecoe ao redor do carro.

ROB: Caramba. PORRA, PORRA!!!

O chassi do Wrangler faz barulho quando Rob chuta a lateral com toda a sua força considerável. Abro os olhos e vejo um pinheiro caído, um Porsche em ruínas e uma estrada vazia.

Quando Rob entra no carro, fica claro que ele está tentando regular a respiração. Uma raiva internalizada se acendeu e ele mal consegue controlá-la.

ROB: Temos que ir.

Rob nos vira, apontando o Wrangler de volta para a estrada. O silêncio do carro ecoa em meus ouvidos, junto com outros ruídos que não posso esquecer. Observo o pinheiro caído ficar

menor no espelho retrovisor, dominada pela sensação de que estou deixando mais coisas para trás nesta estrada do que posso imaginar.

Desprovidos de conversa, de lógica, de qualquer aparência de conforto, Rob e eu fazemos a única coisa que podemos.

Viramos na próxima curva à esquerda.